

Jornal manuscrito *O Sonho*: mulheres escrevendo a história¹

Manoel Pereira da ROCHA NETO²
Monick Talita Inácio da Câmara MAFFEZZOLLI³
Isabel Cristine Machado de CARVALHO⁴
Laís Karla da Silva BARRETO⁵

Resumo:

O presente artigo tem como objetivo investigar a participação da mulher na imprensa do Rio Grande do Norte por meio do jornal feminino *O Sonho*, periódico manuscrito de cunho literário que circulou na cidade de Ceará-Mirim (RN), entre 1905 e 1910. Ao pesquisar o periódico quanto ao conteúdo, forma, produção e circulação, reconstituindo as práticas das produtoras e editoras do jornal e investigando a configuração da cidade do Ceará-Mirim no início do século XX, discutimos a participação da mulher na imprensa potiguar. Utilizamos como fonte os exemplares disponíveis, de 1908 e 1909, estudos sobre a mulher na sociedade dos séculos XIX e XX e da história do jornalismo feminino. *O Sonho* é o ponto de partida para a análise dos questionamentos da imprensa feminina no Rio Grande do Norte, com o objetivo de conquistar espaço na sociedade e buscar a emancipação da mulher.

Palavras-chave:

Imprensa feminina; *O Sonho*; Jornal manuscrito; Ceará-Mirim.

Manuscript journal *O Sonho*: women writing history

Abstract:

This article aims to investigate the participation of women in the Rio Grande do Norte press through the *O Sonho*, a literary manuscript that circulated in the city of Ceará-Mirim (RN), between 1905 and 1910. In researching the periodical about content, form, production and circulation, reconstituting the practices of the producers and publishers of the newspaper and investigating the configuration of the city of Ceará-Mirim at the beginning of the 20th century, we discussed the participation of women in the local press. We used as a source the available copies of 1908 and 1909, studies on women in the society of the nineteenth and twentieth centuries and the history of female journalism. *O Sonho* is the starting point for the analysis of the questions of the female press in Rio Grande do Norte, aiming to gain space in society and seek the emancipation of women.

Keywords:

Women's press; *O Sonho*; Journal manuscript; Ceará-Mirim.

Periódico manuscrito *O Sonho*: mujeres escritura de la historia

Resumen:

Este artículo tiene como objetivo investigar la participación de las mujeres en la prensa de Río Grande del Norte por el diario femenina *O Sonho* (1908-1909), periódico manuscrito impronta literaria circulado en la ciudad de Ceará Mirim (RN), entre 1905 y 1910. Al buscar en la revista sobre el contenido, la forma, la

¹ Pesquisa apresentada no XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Intercom, realizado de 12 a 14 de junho de 2013, na cidade de Mossoró (RN). O presente artigo é o resultado da pesquisa ampliada desenvolvida no Grupo de Pesquisa Comunicação e Processo de Significação, da Escola de Comunicação e Artes da Universidade Potiguar.

² Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte e professor da Escola de Comunicação e Artes da Universidade Potiguar (UnP) e do Mestrado Profissional em Administração da Universidade Potiguar. E-mail: manupereira@unp.br.

³ Graduada em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo pela Universidade Potiguar (UnP). E-mail: monickcamara@gmail.com.

⁴ Doutoranda em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte e professora da Escola de Comunicação e Artes da Universidade Potiguar (UnP). E-mail: isabelcristine@unp.br.

⁵ Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, professora da Escola de Gestão e Negócios e do Mestrado Profissional da Universidade Potiguar. E-mail: laisbarreto@unp.br.

producción y la circulación, la reconstitución de las prácticas de producción y los editores de periódicos y la investigación de la configuración de la ciudad de Ceará Mirim a principios del siglo XX, hablamos de participación de las mujeres en la prensa Potiguar. Utilizamos como fuente los ejemplares disponibles, de 1908 y 1909, los estudios de las mujeres en la sociedad de los siglos XIX y XX y de la historia del periodismo de la mujer. *O Sonho* es el punto de partida para el análisis de las preguntas de la prensa femenina en Rio Grande do Norte, con el fin de ganar espacio en la sociedad y buscar la emancipación de la mujer.

Palabras clave:

Prensa de la mujer; *O Sonho*; El papel del manuscrito; Ceará Mirim.

Introdução

O jornal feminino *O Sonho*, periódico manuscrito de cunho literário, circulou entre 1905 e 1910 na cidade de Ceará-Mirim, no Estado do Rio Grande do Norte. A pesquisa analisa o referido jornal quanto ao conteúdo, sua forma e sua edição, reconstituindo as práticas das produtoras e editoras do jornal e seus movimentos sociais na configuração da sociedade de outrora.

O Sonho era uma folha artesanal, com tiragem desconhecida, do qual apenas onze números foram encontrados para a realização desta pesquisa, totalizando 43 páginas. Portanto, não encontramos registros históricos sobre a quantidade de exemplares redigidos de modo manuscrito.

A partir da análise dos exemplares disponíveis, buscamos identificar o papel das folhas femininas numa época em que a mulher estava restrita ao espaço doméstico sob a tutela do pai ou do irmão mais velho e, depois de casada, do marido. Poucas mulheres naquela época tinham acesso à educação superior e apenas profissões ligadas às atividades domésticas ou ao magistério eram possíveis. Seu lugar estava reservado ao lar, onde cumpriria os deveres de filha, esposa e mãe.

Este artigo busca contribuir para o apontamento da participação da mulher no jornalismo do início do século XX, dada à escassez de registros históricos sobre jornais femininos no Rio Grande do Norte, como também no Brasil.

A escolha dos textos e livros para ajudar na elaboração da parte bibliográfica levou em consideração o aspecto teórico e reflexivo dos estudos sobre a mulher na sociedade dos séculos XIX e XX e da história do jornalismo feminino no Brasil e no mundo, tendo como referência principal os livros “Imprensa feminina (1990)” e “Mulher de papel (2009)”, de Dulcília Schroeder Buitoni. Para compreender o contexto do jornalismo feito por mulheres no Rio Grande do Norte, consultamos as dissertações de mestrado das professoras Otêmia Porpino Gomes (1999), sobre o jornal *A Esperança*, e Edna Rangel Gomes (2009), sobre o jornal *O Sonho*, dentre outros artigos



e livros. Para compor a parte documental utilizamos como fonte os exemplares disponíveis do periódico *O Sonho*, sendo apresentadas as temáticas dos textos, as seções, a linguagem, a formatação, a arte e a circulação.

O Sonho é o nosso ponto de partida para a compreensão dos questionamentos da imprensa feminina no Rio Grande do Norte, por meio do jornalismo, com o objetivo de conquistar espaço na sociedade e buscar a emancipação da mulher. Sendo assim, investigar a história desse periódico é importante para compreender as práticas jornalísticas da mulher norte-rio-grandense e reconstituir a historiografia do jornalismo feminino. Provavelmente essas mulheres descobriram, por meio das letras, que podiam influenciar no ambiente onde viviam e ajudar outras a também saírem do silêncio e expressar publicamente suas ideias.

Imprensa feminina sob a ótica masculina

O jornalismo feito para as mulheres surgiu para entreter e induzir um código de conduta para as mulheres, na visão dos homens que escreviam essas publicações. Eram jornais editados por homens que ditavam quais leituras seriam adequadas ao sexo feminino (GOMES, 1999).

A imprensa dirigida ao público feminino teve, desde o início, várias fases e tipos de representações femininas. Desde o jornalismo literário, perpassando pela moda, amenidades, colunismo social, consumismo, dicas domésticas e de educação dos filhos; até as colunas de conselhos conservadores sobre comportamento e família, como assinala Buitoni (1999).

Os primeiros veículos femininos adotavam uma postura conservadora, de reafirmar a posição da mulher como mãe e esposa. Esses jornais circularam de 1850 a 1910. Nesse período, as folhas voltadas para o público feminino estavam presentes na imprensa em geral, com ênfase na carioca, na qual se destacaram, segundo Moraes (1996, p. 109), publicações como “O Jornal das Senhoras (1852), Belo Sexo (1862), Biblioteca das Senhoras (1874), O Bisbilhoteiro (1889), Eco das Damas (1879-1882), Recreio do Belo Sexo (1856), Recreio das Moças (1876-1877), O Direito das Damas (1882)” e tantos outros jornais produzidos na capital fluminense (BUITONI, 1999).

Esses jornais, no entanto, eram produzidos por homens. Eles reprovavam ideias progressistas, defendiam apenas o direito da mulher à educação. Até então, poucas filhas de famílias abastadas eram letradas. Esses jornais publicavam amenidades, moda,



literatura, dicas domésticas, receitas. As mulheres tinham a percepção, por meio dos escritos da imprensa sobre o seu papel social e do lugar que deviam ocupar na sociedade, ou seja, o espaço privado, do lar.

No século XX, encontramos duas direções bem definidas na imprensa feminina: a tradicional, que não permite liberdade de ação fora do lar e que engrandece as virtudes domésticas e as qualidades “femininas”; e a progressista, que defende os direitos das mulheres dando grande ênfase à educação. (BUITONI, 2009, p. 17).

Somente depois, mais especificamente na primeira metade do século XX, surgiram os impressos produzidos por mulheres, professoras, intelectuais, com o objetivo de ser porta-voz das mulheres, pois elas ficavam restritas aos afazeres domésticos. No Rio Grande do Norte, o jornal manuscrito *A Esperança*, de 1903, editado na cidade de Ceará-Mirim, é considerado o primeiro impresso feminino norteario-grandense (GOMES, 1999). Até o início do século XX, não havia publicações femininas que disponibilizassem espaço para que as mulheres expressassem suas ideias e opiniões sobre diversos temas de interesse da sociedade. Salvo nos saraus ou quando tocavam em reuniões familiares, as mulheres, em geral, não podiam opinar em assuntos como política, direitos ou sociedade. Não tinham direito ao voto, nem a conduzir empresas ou postos governamentais. Escrever em jornais era uma conquista, um avanço nos limites impostos pela sociedade da época, como assinala Gomes (1999).

Havia, no entanto, uma divisão na imprensa feminina: as publicações que mantinham o caráter conservador e as progressistas, que defendiam os direitos das mulheres, como expõe a pesquisadora Buitoni (2009, p. 28): “[...] a tradicional, que não permite liberdade de ação fora do lar e que engrandece as virtudes domésticas e as qualidades ‘femininas’; e a progressista, que defende os direitos das mulheres dando grande ênfase à educação”.

Uma das características marcantes da imprensa feminina era a interatividade com as leitoras. O primeiro periódico feminino conhecido, o *Lady's Mercury*, fundado em 1673, na Inglaterra, tinha um consultório sentimental, seção que trazia conselhos amorosos às leitoras que mandavam cartas explicando suas histórias românticas (BUITONI, 2009). Na maioria dos jornais pesquisados, como *Jornal das Moças*, *A Esperança* e *O Sonho*, as editoras convidam as leitoras a contribuírem enviando textos para serem publicados. Em vários periódicos, como *O Sonho*, *Jornal das Moças*, a *Revista Literária Via Láctea*, entre outros que circularam no Rio Grande do Norte,

encontramos a seção “Cartas das leitoras”. As redatoras escreviam como representantes do sexo feminino, e, de fato, eram (GOMES, 1999).

Em meados da década de 1910 começaram a surgir os primeiros artigos e periódicos de cunho feminista no Brasil, como assinala Buitoni (2009). As redatoras utilizavam o discurso direto, como se escrevessem especialmente para cada leitora, com conselhos, dicas de moda e de consumo. As cartas enviadas às redações eram respondidas em tom de amizade. Assim, o jeito de se comunicar com a leitora, na maioria dos jornais femininos do Brasil, se adequou ao tipo de publicação, tornando-se mais direto e intimista, como afirma Moraes (2002). Esse recurso linguístico teve, no final do século XIX e início do século XX a finalidade de diminuir a distância, como numa conversa informal, e inculcar a ideia de naturalidade sobre os conteúdos dos jornais.

Vós, tu, você: o texto na imprensa feminina sempre vai procurar dirigir-se à leitora, como se estivesse conversando com ela, servindo-se de uma intimidade de amiga. Esse jeito coloquial, que elimina a distância, que faz as ideias parecerem mais simples, cotidianas, frutos de bom senso, ajuda a passar conceitos, cristalizar opiniões, todo de um modo tão natural que praticamente não há defesa. (BUITONI, 2009, p. 191).

Os primeiros jornais femininos escritos por mulheres, no Brasil e no Rio Grande do Norte, tinham por objetivo divulgar ideias, textos literários e de variedades e servirem de entretenimento para as redatoras. No entanto, elas descobriram o potencial dos jornais, organizaram-se e, no início do século XX, tornaram-se, além de editoras, administradoras de suas folhas. Até os pequenos jornais eram organizados como empresas, em que as funções eram muito bem definidas entre redatoras, editoras, secretárias e colaboradoras, como assinala Gomes (1999).

A referida autora ainda afirma que a maioria das publicações femininas potiguares foi fundada por professoras. Preocupadas com a condição da mulher, as folhas traziam crítica, artigos, literatura, pensamentos, crônicas religiosas, humorístico e informativo social. O jornal *O Sonho* foi um dos pioneiros no Estado.

***O Sonho*, um jornal literário**

O jornal *O Sonho* evidenciou a capacidade crítica e literária da mulher potiguar. Começou a circular no Rio Grande do Norte, na cidade de Ceará-Mirim, em sete de setembro de 1905. Pesquisamos os onze exemplares disponíveis, do período entre 1908

e 1909. Tinha como epígrafe “Periódico literário e noticioso”. Era um jornal mensal, todavia, não foi identificado o número de tiragem, visto que o jornal era manuscrito, nem como era realizada a distribuição.

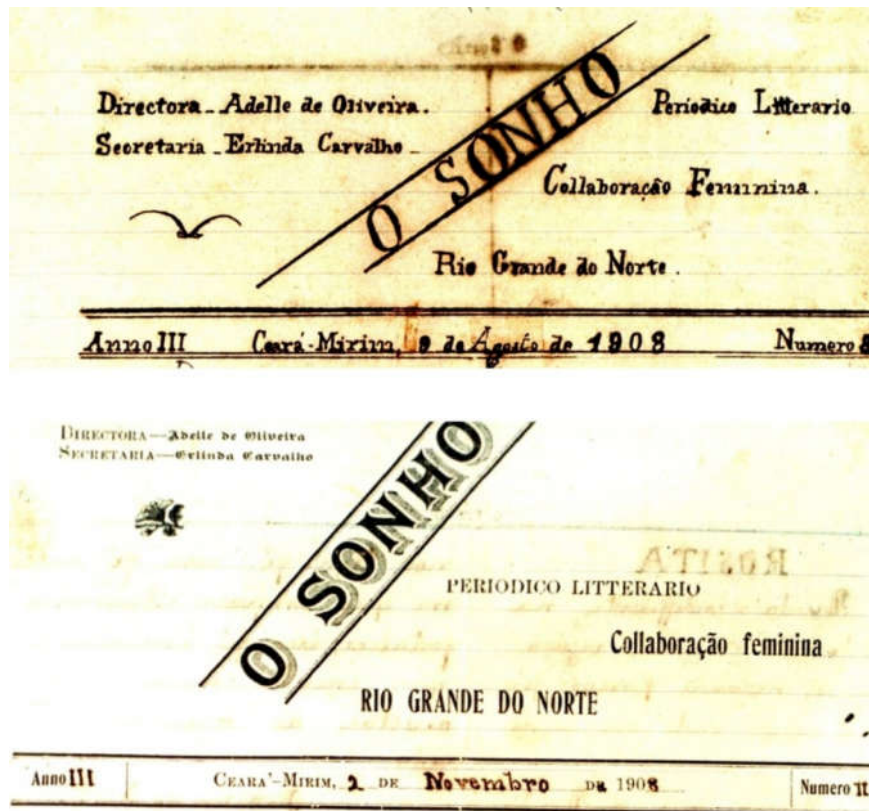
A fundadora do jornal, a professora Adelle Sobral de Oliveira, atuava em outro jornal feminino, intitulado *A Esperança*, que também era manuscrito e redigido por professoras da mesma cidade. Circulou entre 1903 e 1909.

Adelle de Oliveira era responsável pela direção e pela redação de *O Sonho*. As secretárias eram Erlinda Carvalho e Tracilla de Carvalho. Algumas moças da cidade colaboravam permanentemente com o jornal, como Izaura Carrilho, Etelvina Antunes, Adelaide de Melo e Dolores Cavalcanti. Além delas, eram publicados também, regularmente, textos da recifense Rita Campello e das paraenses Alayde Ottone, Jandyra, Jacyra e da natalense Iericê, como afirma Mello (1987), na sua obra o “Dicionário da imprensa no Rio Grande do Norte: (1907-1987)”.

Os temas mais abordados eram o amor ou as desilusões amorosas, a família, a amizade, o cotidiano do Vale do Ceará-Mirim ou do Rio Grande do Norte e a defesa pelos direitos das mulheres. *O Sonho* trazia, em média, oito textos por edição, basicamente literários, críticos, religiosos, informativos e opinativos, distribuídos em artigos, crônicas, contos, poemas, pensamentos curtos, notas e uma coluna fixa de sonetos, intitulada “Parque das musas”. Apesar de ser redigido à mão, há um padrão estético gráfico encontrado em todos os exemplares, em que os textos preenchem todo o espaço da página. Quando sobravam de duas a quatro linhas em branco, as redatoras inseriam pequenas notas e pensamentos.

Manuscrito em papel pautado, era dividido por duas colunas, num total de quatro páginas. Pela observação dos exemplares, era totalmente manuscrito à pena, ou caneta de pena metálica. O cabeçalho era desenhado com esmero. Somente a partir da edição de dois de novembro de 1908 o jornal ganhou um timbre, para o título e para a seção “Parque das musas” (Figura 1).

Figura 1 - Comparação de capas do jornal *O Sonho*, sem e com o timbre, ambas de 1908.



Fonte: Acervo de Edna Rangel Gomes.

54

O jornal era o meio de que as mulheres dispunham para publicar seus textos literários, posto que o mercado editorial fosse quase inacessível a elas. As colaboradoras de *O Sonho* enviavam suas crônicas e poemas por carta, em esquema de redação colaborativa. A paraense Alayde Ottone assina uma crônica intitulada “Triste originalidade”, que evidencia a originalidade do amor ideal para o poeta.

Por um acaso encontrei-me um dia com um poeta de quem há muito ouvia falar, e como adoro a poesia travei conversação com ele a fim de admirar-lhe o talento.

Depois de diversos assuntos ouvi o mavioso vate falar do matrimônio, mas de uma forma original: desejava para companheira uma Eva criada à lei da natureza! Como será belo vê-la zangada! Dizia, e que doce encanto nas pazes depois do conflito!

Achei-o extraordinário! Pois quando todos desejam para esposa uma mulher dócil, ele desejava uma teimosa e zangada!

Hoje, entretanto, soube que numa aldeia encontrara o poeta a Eva que o seu coração buscava: formosa, saudável, ignorante e teimosa. Uma curiosidade irresistível fez que eu interrogasse... interrogasse... Disseram-me: por não ter pai morava ela em companhia de um irmão casado e também ignorante. O poeta viu-a. Casaram-se. Ella teimava e era feliz o poeta. Depois de algum tempo, porém, ele cedendo às teimas da formosa esposa resolveu ensiná-la. Foi então que ela soube compreender o sublime dote que o esposo possuía. Houve, no entanto,



uma fatalidade: a moça num doce arfã de ilustrar, lia com avidez os bons livros onde uma eterna mansidão transparece e, regenerou-se! Já não discute encolerizando-se, e sim com precisão e calma. Daí a perda do encanto e da felicidade do poeta que se não cansa de dizer: porque não a conservei ignorante e teimosa!! Triste originalidade! (O SONHO, 31 dez. 1908, p. 3).

A maior parte dos textos das edições pesquisadas é de pequenos contos, poesias e crônicas, no total de treze exemplares. Dentre as crônicas destacamos “Ao crepúsculo” e “Num postal”, publicadas no dia 2 de fevereiro de 1908. Em “Ao crepúsculo”, num texto ora doce, ora agressivo, mas muito belo, Lucy - pseudônimo de Adelle, segundo E. Gomes (2009) - compara a infelicidade do amor perdido às trevas da noite:

É uma hora de indefinível mistério a hora triste e merencória do crepúsculo, quando o sol dourando os montes com os últimos raios vai tombar além nos abismos das terras.
Quantas vezes, nessa hora indefinida minh'alma preza de um seismar profundo, enleva-se docemente contemplando o belo quadro que nos patenteia o pôr do sol!
Então é que apodera-se de mim uma tristeza como que infinita, sinto que meu coração enche-se de infinitas saudades dos meus dias de felicidade que tão cedo se fanaram.
E eu amo saudosamente essa hora dolorosa de tristeza, porque ela se casa com os sonhos da minh'alma, repassados de agonia e recorda-me o passado onde os meus dias deslizavam serenamente felizes. (O SONHO, 2 fev. 1908, p. 3).

Mesmo nos contos, a temática é sempre a condição social de fragilidade da mulher e o sofrimento sempre causado por quem mais amava: o esposo ou o noivo. Em quase todos os exemplares é possível verificar a resignação, e talvez até certa satisfação, com o sofrimento causado pelas desilusões amorosas e pelas intempéries das vidas das escritoras. Os textos lítero-jornalísticos das redatoras esclarecem que essas amarguras elevam suas almas a Deus, são como uma santificação. Adelle de Oliveira teve uma vida marcada pela dor da perda do pai, quando adolescente; pelas dificuldades da família e pelo abandono do noivo, que lhe deixou marcas tão profundas, que ela não quis mais se casar. Tornou-se uma mulher solitária e tímida, que extravasava suas angústias na poesia e descreve esse sentimento no soneto “Simples”, publicado na coluna “Parque das musas”:

Venero tudo que é singelo e triste,
Porque lembro que Jesus dizia,
Ouvindo as queixas de quem mais sofria,
Sentindo a mágoa que no horror persiste.

“Feliz aquele que sofrendo existe,

Sem blasfemar na dor e n'agonia!
Consolado será, toda alegria
Do meu reino, no céu, d'ele consiste.”

E esta lembrança muito doce e branca
Faz que minh'alma tão sincera e franca
Se volte ao Cristo a perdoar, na cruz...

E mais e mais toda paixão que eu sinto
Por todo aquele que a sofrer, pressinto,
Aumenta, cresce, e se transfunde em luz.
(O SONHO, 31 dez. 1908, p. 4).

Sob o pseudônimo de Grimaneze d'Oliveira, Adelle de Oliveira descreve a aflição como uma bela flor do sertão, que ela imagina. A autora dedica o texto intitulado “Martírio” a Maria Isabel:

Muitas pessoas há que desconhecem a linda e humilde flor que eu denominei Martírio. Permitam-me pois, que eu faça uma ligeira descrição: - Como florinha agreste que é, não precisa dos cuidados de um jardineiro para que prospere; no entanto é digna de admiração. Suas pétalas que rivalizam com a seda mais transparente, têm a cor da divina túnica do Senhor dos Passos; possui encantos da natureza e como que define os mistérios d'alma. Como o coração que palpita enternecido ao lado do ser amado, e longe dele abismar-se em desesperanças, assim também o Martírio entreabre-se ao doce orvalho da madrugada e, pende emuchercido quando o sol desaparece, além... Quisera ser poetisa para consagrar meus cantos ao Martírio, pois que muito e muito, semelhasse a minh'alma. (O SONHO, 2 fev. 1908, p. 3).

A flor solitária que não precisa de jardineiro refere-se a ela própria, Adelle, que vivia a esconder seus mistérios apenas revelados, de forma subjetiva, em seus poemas. A dor, a tristeza e a saudade são os temas mais recorrentes no jornal. Adelle, assinando como Arimá, escreve: “Ai, e é por isso que feliz me chamam! Loucos! Não sabem que a desdita e o verso vivem unidos... tantos eles se amam!” (O SONHO, 22 fev. 1909, p. 4).

Em vários artigos, as redatoras escrevem sobre religiosidade e fé como forma de superação dessas agruras. Elas pareciam buscar inspiração em Maria, mulher imaculada que gerou o filho de Deus e sofreu com a morte trágica de seu filho; como que uma vontade de alcançar a graça de ser uma sofredora santa. Dois textos de edições diferentes, os poemas “Nostálgica” e “Rezando”, evidenciam essa religiosidade como forma de sublimar a dor:

Nostálgica



Ontem ao brando som d'Ave Maria
Ao fim da tarde plácida e radiosa
Que saudades imensas
Daquela estância calma e venturosa!

Meu lábio tristemente repetia
N'uma prece sentida e fervorosa
Teu doce nome que brilhar dir-se-ia
Pelas curvas da esfera lumina.

A voz dos passarinhos era terna,
Despertava em minh'alma embevecida
Uma saudade funda sempiterna.

E a lua que surgiu lentamente
No seu frio polar dava-me a vida
Trazendo alívio ao coração descrente.
(O SONHO, 31 dez. 1908, p. 1).

Rezando

Virgem Maria, cheia de graça,
Tirai-me d'alma tamanha pena!
Das amarguras empunho a taça
Que me envenena. [...]

Às vezes sinto tanta agonia.
E é tão profundo meu padecer,
Que eu tenho medo, Virgem Maria
De enlouquecer! [...]
(O SONHO, 29 abr. 1909, p. 2).

Alguns textos, no entanto, tratam também do cotidiano religioso da sociedade local. Adelle assina o soneto de título “No cinematógrafo”, sobre suas impressões ao assistir a um filme sobre a paixão de Cristo no cinema:

Doce Jesus, o Nazareno casto,
Eu vi coberto de cruel injúria...
O olhar sereno confrontando a fúria
Da turba infrene, n'um rumor nefasto.

Depois eu vi-o, já sem forças, gasto
Todo o vigor na maior penúria,
A cruz levando, sem se ouvir lamúria,
Pelo cenário lutuoso e vasto.

Mas, dor nenhuma comoveu-me tanto,
Como a vileza, a informação de Judas,
Beijando o Mestre, divinal e santo...

Tremi de mágoa, qual se em mim vibrasse

Aquele beijo, de explosões agudas,
E grande nódoa de tingisse a face.
(O SONHO, 25 jan. 1909, p. 4).

A poetisa imprime todo sentimento de dor e se transporta para o cenário da crucificação. Muito religiosa, transmite no decorrer das edições a fé como redenção para os desafortunados, como ela acreditava ser. Dentre os exemplares pesquisados foram encontrados seis textos sobre fé e religiosidade, sempre com a temática do sofrimento como expurgação da alma.

Além de escritos literários, há também alguns artigos informativos, reflexivos e opinativos sobre a política local e nacional, mas sempre com simplicidade e sensibilidade. A matéria de capa de 2 de fevereiro de 1908, intitulada “O sorteio”, criticou a promulgação da Lei nº 1860, de 4 de janeiro de 1908, que regulava o alistamento e sorteio militar obrigatório para homens. Nela, Adelle de Oliveira chama atenção para o perigo que a lei representava para a mulher, que poderia, em caso de viuvez devido ao envio dos maridos à guerra, ficar desamparada sem ter como sustentar os filhos pequenos. Eram as reivindicações femininas ganhando espaço no jornalismo e na vida pública.

Falando sobre o sorteio, não temos a pretensão de que nosso protesto se repercuta além da esfera muito humilde em que nosso jornalzinho adeja. Sabemos até que em tal causa poderíamos falhar, pois não entendendo, não podemos [...] Mas a mulher, devido à sua sensibilidade que a caracteriza, sente-se involuntariamente, levada onde pressente um grito de agonia, de mágoa e de desespero! É a lei do serviço militar obrigatório hei de gerar infortúnios.

Que será da mãe paupérrima de quem o esposo se ausenta, e que somente à custa de supremos esforços podia sustentar os filhinhos, não trazê-los nus?! Sujeita a mil vezes no desespero daquele que se ausentou; lutando para trilhar com honra a estrada de amargura que lhes apontaram; ante ideias desencontradas que lhes perpassaram no [...], quem sabe se vencerá? Dizem que mulher é fraca! No entanto inventam para elas novas penas, a fim de ver se os seus sentimentos nobres e altivos se amesquinham e aviltam-nas à dor cruciante de um filhinho que se estorce em agonia de fome... Cuidado, porém almas [...]. Que uma dessas lágrimas não se transforme em vagalhões de remorsos, onde vossas alegrias naufraguem. Cuidado! (O SONHO, 2 fev. 1908, p. 1)

Apenas oito textos não literários foram identificados entre os exemplares disponíveis, um deles foi a notícia da morte do médico e escritor potiguar Segundo Wanderley, professor do Ateneu Norte-rio-grandense, poeta e dramaturgo, autor de “Estrelas cadentes” (1883), “Miragens e prismas” (1887), “Recoltas poéticas” (1896),

“Gôndolas” (1903), como assinala Gomes (2009). Apesar de informativo, o texto é sensível e homenageia o poeta carinhosamente.

Como um raio de sol que desaparece fulgurando até o momento extremo, Segundo Wanderley morreu.

Morreu não: transfigurou-se! [...]

E nós, se já não vemos na comunhão dos vivos o exímio poeta do “Gôndolas”, feliz ou serenamente compungido, entusiasmando ou enternecendo, sentimos-lhe a alma através dos livros que escreveu, palpitante, comovida e boa.

Lendo-os sente-se a doce convicção de que não somente um cérebro prodigioso que ali reflete: divulga-se um belo coração.

E é por isso, de certo, que a alma do Rio Grande do Norte tão profundamente ferida, reage e volte-se para o azul...

É que Segundo Wanderley deixou de viver na terra para fulgir no setestrela! (O SONHO, 25 jan. 1909, p. 1).

Adelle de Oliveira era poetisa, adepta do parnasianismo. Muitos dos seus poemas foram publicados na folha sob diversos pseudônimos, prática cultural da época, facilmente verificável se observadas as semelhanças dos conteúdos com a história de vida da professora.

Adelle de Oliveira assinava com vários pseudônimos: Elleda, Délia, Gaud, Délia Maltez, O.M., Grimaneze d'Oliveira, A.O. e D.M. Essa prática de usar pseudônimo era bastante comum na imprensa, desde o século XIX. (GOMES, 2009, p. 173).

Entretanto, nesse caso, a escolha dos pseudônimos era para evitar que a maioria dos textos fosse assinada por ela. Gomes (2009) afirma que, comparando os pseudônimos de poemas guardadas com a coleção do jornal, concluiu-se que algumas edições foram integralmente escritas pela professora. Isso acontecia para evitar a interrupção do periódico na falta de textos das colaboradoras. A utilização de pseudônimos era uma prática comum à época, um subterfúgio para resguardar tanto homens quanto mulheres.

O Sonho contava com uma seção fixa de sonetos, “Parque das musas”, a única que ocupava uma página inteira, sempre a última de cada número. Tivemos acesso a dez sonetos. Seguiam padrões rígidos quanto à forma, métrica e conteúdo. A maior parte trata da amizade e relações de parentesco, saudade e amores não correspondidos. Todos são assinados por Adelle de Oliveira, alguns com seu nome verdadeiro, outros com pseudônimos, principalmente aqueles que tratam de saudade e rejeição amorosa, como o que se segue, a que ela deu o título de “Soneto” e assina com as iniciais O.M.:

Disseram-te?! Pois bem! Já fui feliz



Nos tempos de ilusão em que me amavas!
 Não é mentira não, o que alguém diz:
 - Nutriam-me os sorrisos que me davas.

Muitos anos eu tive de ilusão
 Que passaram velozes... nem sentia!
 Tinha cheio de amor o coração
 Infortúnio para mim não existia.

Mas teu amor mudou-se em indiferença
 Em riso de desdém que me seguia...
 Mudei também: chegou-me esta descrença...

E quando a morte me levar cantando
 Dize, sorri de gozo e de alegria,
 Dize contente que morri te amando.
 (O SONHO, 9 ago. 1908, p. 4).

Adelle nunca se recuperou do rompimento com o médico, Manoel Varela Santiago, que após seis anos de noivado à distância, a abandonou para casar-se com outra na capital. Grande parte dos textos externa essa dor e revolta, e explicita que o estilo literário da poetisa muda em razão desse acontecimento. Se, antes, Adelle era admirada por sua ousadia, agora se torna infeliz e acabrunhada em seus versos: “Mas teu amor mudou-se em indiferença, em riso de desdém que me seguia... *Mudei também: chegou-me esta descrença...*” (grifo nosso).

Todas as edições pesquisadas denotam essa amargura intrínseca como fonte principal de inspiração para os escritos. Vários textos alertam as mulheres quanto às desventuras de confiar plenamente nos homens e que elas precisam ser mais fortes e menos sensíveis para enfrentar os dissabores da vida. Sob o título “Discernindo”, Adelle, assinando como Délia Maltez, aconselha a amiga a ser mais astuta e a deixar de lado a sensibilidade excessiva:

- Discordas?!
- Sim. As maiores venturas nascem quase sempre, da sensibilidade extrema.
- Louca! O temperamento excessivamente melindroso denuncia, geralmente, um coração doente e fraco, predisposto a todos os infortúnios, a todas as agonias.
- Pensas então que é um mal essa doce franqueza que nos transforma a ternura em sonho, fazendo-nos antever as mais belas das realidades?
- Se penso? Ouve-me.

N^o alma do sensível como que se reflete a vida exterior em mágica nitidez e pela sua pré-excitação dos sentidos um simples devaneio toma o caráter de angélica realidade da mesma forma que uma pequena arranhadura parece-lhe uma punhalada profunda e incurável... e como sendo a vida um compêndio de amarguras com vários parênteses de felicidade, no coração do excessivamente

sensível dá-se pavorosas hecatombes: morrem as esperanças, as ilusões e as crenças e o mundo parece-lhe um thebaida onde um raio de sol não penetra...

- Mas... a base, onde a base dos teus pensamentos?

- A base? Procura-a no coração! (O SONHO, 11 maio 1909, p. 3).

Não é possível estabelecer se também esse mote, baseado no sofrimento e na descrença, dá-se em todos os textos ao longo da trajetória do jornal. Para tanto, seria necessário pesquisar exemplares de 1905 a 1907 para fazer um comparativo preciso. Por algum motivo, Adelle de Oliveira guardou apenas algumas edições de 1908 a 1909. Contudo, alguns versos publicados em outras edições do acervo particular de Edna Rangel Gomes (2009) e citados pela referida pesquisadora dão-nos pistas de que houve uma fase de textos mais alegres e críticos.

Podemos comparar o estilo de Adelle de Oliveira, em 1904, aos 19 anos, quando trava o já mencionado embate com Cyro Tavares, via jornal, com o estilo da professora com edições do jornal 'O Sonho' de 1908 a 1909.

A poetisa que enfrenta Cyro Tavares através de soneto é uma mulher determinada, que defende seus ideais e argumenta sobre a validade do amor e o valor da mulher. Uma moça esperançosa e cheia de sonhos. Uma mulher, como ela mesma diz, comprometida, ou melhor, prometida.

A Adelle de Oliveira que aparece nos textos das edições do jornal 'O Sonho', de 1908 e 1909, é uma mulher melancólica, triste, saudosa, resignada. Uma mulher em cuja alma podemos perceber uma enorme sombra. (GOMES, 2009, p. 178).

Os pensamentos, de não mais que quatro linhas, também exprimiam amargura. Eram algumas frases soltas, assinadas com pseudônimos. Eram usados também para completar o preenchimento da página.

- A mulher que ama apaixonadamente, desculpa todos os defeitos do seu bem amado. Carmem.

- Os melhores momentos de alegria são aqueles que sentimos depois de uma grande mágoa. Arimá.

- Muitas vezes fazemos o infortúnio de uma pessoa por desconhecermos-lhes a alma. Velia. (O SONHO, 2 nov. 1908, p. 2). [...]

- Não há palavra mais própria e que mais docemente exprime o sentimento a que se aplica, que a palavra saudade. Jacyra.

- A inveja é um dos maiores pecados que arrastam a criatura ao abismo do crime. Jandyra. (O SONHO, 29 abr. 1909, p. 2). [...]

- Antes morrer sonhando do que viver sem um sonho. J.J. (O SONHO, 11 maio 1909, p. 1). [...]

- Quando pensamos nas alegrias perdidas é que sentimos o horror do

presente. Mary (O SONHO, 7 set. 1909, p. 2).

O último exemplar disponível é do dia 7 de setembro de 1909, edição de aniversário do periódico literário, como se definia, que comemorou seu terceiro ano de circulação (Figura 2). Para a data festiva planejou-se uma capa especial. Por ser manuscrito, denota uma clara preocupação estética. Há distinção entre a estética da letra dos títulos em relação ao conteúdo do texto, ou seja, a matéria jornalística.

Figura 2 - Capa especial do jornal O Sonho, de 7 de setembro de 1909.



Fonte: Acervo de Edna Rangel Gomes.

A parte superior é emoldurada por rosas e folhas em destaque. Logo na capa as editoras dão uma ideia do que a leitora encontrará nas páginas internas. Há um sumário com os títulos dos textos e suas autoras. Também se destaca um soneto, sob o título “Ideal”, em homenagem ao jornalzinho e dedicado a Adelle de Oliveira.

Rosas, camélias brancas, açucenas,
Dálias vistosas, girassóis, boninas,
Lírios, saudades, lugares, verbenas,
Crisântemos, miosótis e cravinas;

Desde as florinhas alvas e pequenas
Que os campos bordam delicada, finas
Até aquelas que de viço plenas
São os jardins as graças purpurinas,

Luzira todas, e em gentil preparo
Com arte fina e gosto delicado,
Formar a base de um ideal risonho,

Imenso trono perfumado e raro
Onde fosse, entre festas colocado,
Nosso querido e pequenino ‘Sonho’.
(O SONHO, 7 set. 1909, p. 1).

Neste dia em que as redatoras comemoravam o terceiro aniversário do referido jornal, publicou-se na primeira página um artigo em homenagem à Independência do Brasil e também ao próprio jornal. O texto, assinado por Leonor, exalta a competência e a dedicação de Adelle de Oliveira e das demais redatoras em manter o periódico em circulação a despeito das dificuldades, fazendo um paralelo entre o patriotismo delas e a luta pela independência feminina.

No dia de hoje em que o Brasil pelo heroísmo de seus filhos, dedicados defensores da liberdade, quebrou nas legendárias margens do Ipiranga a ignóbil peia de ferro que se chamou jugo português, protestando com justa indignação contra o servilismo no patriótico e memorável brado: Independência ou morte, no dia de hoje surgiu num recanto do Brasil, o interessante periódico ‘O Sonho’, como valiosa homenagem a tão grande data.

‘O Sonho’ comemora hoje mais um aniversário de sua vida, graças aos esforços de suas inteligentes redatoras, principalmente Adelle de Oliveira, cuja abnegação votada à causa do simpático periódico comprova a superioridade do seu espírito de eleita e o patriotismo de seu coração cheio de bondade santa [...] (O SONHO, 7 set. 1909, p. 1).

Mesmo em clima de festa, o texto anônimo “Em sonhos”, dedicado a Maria Julieta, provavelmente escrito por Adelle de Oliveira, trata com melancolia as horas no mar. Adelle perdeu o pai durante a viagem de navio de volta a Ceará-Mirim, ela havia passado uma temporada na cidade de Belém (PA). A segunda página é quase como um

diário, onde nos versos e pensamentos sob diversas assinaturas trazem um tom de nostalgia, tristeza e intimidade da alma, além de belas poesias em vislumbre à natureza.

Contudo, em outras páginas as redatoras fazem uma ode ao jornal e conclamam mais mulheres a juntarem-se a elas na missão de externar o pensamento feminino. Assinada por Velia, provavelmente um pseudônimo, o texto “Avante” traz:

Hoje, passa mais um ano de existência do pequeno manuscrito denominado do ‘O Sonho’. O nosso humilde jornalzinho tem custado muitos esforços a sua devotada inteligente redatora que, impelida por força misteriosa incita-nos ao trabalho. Sem ela e sem o fulgor bendito do espírito angélico de Áurea Lopes teríamos de certo abandonado a luta.

Avante, pois jovens companheiras! Trabalhem sempre pelo engrandecimento do ‘Sonho’. Avante! Avante! (O SONHO, 7 set. 1909, p. 3).

É nítido o orgulho das redatoras com a sobrevivência do jornal e poderem contribuir de alguma forma, ainda que tímida, com a literatura local. O jornal *O Sonho* contribuiu para a ampliação dos horizontes da mulher no Rio Grande do Norte. Deu voz e defendeu os interesses femininos, numa época na qual a mulher apenas ocupava o espaço privado. Suas editoras foram exemplo de luta das mulheres na vida social e cultural da cidade de Ceará-Mirim, num período em que o espaço social da mulher quase sempre era o lar. Graças ao espírito empreendedor de Adelle de Oliveira e à força das professoras editoras, o jornal se transformou no veículo condutor dos pensamentos e da voz da mulher na cidade de Ceará-Mirim, contribuindo para a participação da mulher na imprensa norte-rio-grandense.

Considerações finais

Comparando a produção dos jornais de hoje, que utilizam meios como Internet, telefone, computadores, maquinário e transporte, podemos imaginar como era difícil o processo jornalístico do início do século XX, ainda mais para os periódicos pequenos, chamado por Gomes (1999) como jornais “nanicos”, e sem recursos, como era o caso dos jornais femininos.

O processo envolvia a coleta e a seleção de matérias escritas por colaboradoras locais ou por meio de cartas recebidas de mulheres da capital, Natal, e dos estados do Pará e de Pernambuco. Após a triagem começava a elaboração da matriz a ser reproduzida. Havia uma preocupação com a diagramação, de modo que toda a página fosse preenchida. Para isso, as redatoras usavam técnicas como aumentar ou diminuir o

tamanho da fonte e/ou completar os espaços com pequenos pensamentos. Dessa forma, o jornal saía sempre com quatro páginas, sendo a última exclusiva para a coluna de sonetos “Parque das musas”.

A reprodução manual dos exemplares exigia muita paciência, dedicação, delicadeza e perfeição. Para tanto, eram necessários muitos punhos. A coleção pesquisada revela pelo menos três caligrafias diferentes, sem rabiscos ou borrões. A escrita era feita a bico de pena ou caneta de bico metálica mergulhado no tinteiro, palavra por palavra até formar a frase. Em seguida, as folhas redigidas eram enxugadas com mata-borrão para retirar o excesso de tinta. Acreditamos que a tiragem era pequena devido ao processo lento e árduo. Não há registros ou informações sobre os números de jornais produzidos, só tivemos acesso a treze exemplares disponíveis do acervo particular da pesquisadora Edna Rangel. Acreditamos que *O Sonho* era distribuído apenas entre amigos, familiares e colaboradores, como era costume dos jornais desse porte na época. Uma força-tarefa era montada para produzir um jornal que era lido por poucas pessoas.

Tudo isso nos leva a refletir como era importante para essas mulheres se expressarem publicamente, a ponto de produzirem as folhas com tanto esforço e por tanto tempo. Sua recompensa, certamente, era a satisfação pessoal de serem notadas não apenas como professoras, mas como poetisas, intelectuais. A conquista do espaço da mulher moderna na sociedade, certamente, se iniciou com o trabalho de mulheres como essas professoras-jornalistas que fizeram suas vozes ecoarem, ainda que timidamente, para que hoje nós sejamos ouvidas e tenhamos os mesmos direitos que lhes foram negados por tantos séculos. A partir desses pequenos arquivos é que podemos reconstituir o pensamento da mulher do passado.

Referências

BUITONI, Dulcília Schroeder. **Imprensa feminina**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1990.

_____. **Mulher de papel**: a representação da mulher na imprensa feminina brasileira. 2. ed. São Paulo: Summus, 2009.

GOMES, Edna Maria Rangel de Sá. **Adelle de Oliveira**: trajetória de vida e prática pedagógica (1900-1940). 2009, 209 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009.

GOMES, Otêmia Porpino. **Imprensa feminina**: o jornal A Esperança (1903-1909). 1999. 121f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 1999.



MELO, Manoel Rodrigues de. **Dicionário da imprensa no Rio Grande do Norte: (1907-1987)**. São Paulo: Cortez, Natal: Fundação José Augusto, 1987.

MORAIS, Maria Arisnete Câmara de. **Leituras femininas no século XIX**. 1996. 197 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

_____. **Leituras de mulheres no século XIX**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

O SONHO. Ceará-Mirim, ano 3, n. 2, 2 fev. 1908.

_____. Ceará-Mirim, ano 3, n. 7, 19 jul. 1908.

_____. Ceará-Mirim, ano 3, n. 3, 9 ago. 1908.

_____. Ceará-Mirim, ano 3, n. 2, 2 nov. 1908.

_____. Ceará-Mirim, ano 3, n. 12, 31 dez. 1908.

_____. Ceará-Mirim, ano 4, n. 1, 25 jan. 1909.

_____. Ceará-Mirim, ano 4, n. 2, 25 fev. 1909.

_____. Ceará-Mirim, ano 4, n. 3, 21 mar. 1909.

_____. Ceará-Mirim, ano 4, n. 4, 29 abr. 1909.

_____. Ceará-Mirim, ano 4, n. 5, 11 maio 1909.

_____. Ceará-Mirim, ano 4, n. 9, 7 set. 1909.